

A EDUCAÇÃO CONDUTIVA E A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

CONDUCTIVE EDUCATION AND HISTORICAL-CULTURAL PERSPECTIVE: SOME APPROACHES

Luciane Maria Schlindwein¹

Gracia Maria do Nascimento Correa²

RESUMO: Neste artigo, apresentamos os fundamentos teóricos e metodológicos da Educação Condutiva (desenvolvida, na Hungria, por András Petö), com o objetivo de promover uma discussão com os aportes teóricos da Psicologia Histórico-cultural (cujo maior representante é Lev Semionovich Vigotski). Trata-se de um trabalho teórico, pautado no estudo e análise dos princípios teóricos e metodológicos desenvolvidos pelos dois autores em torno das possibilidades de compreensão e intervenção em pessoas com paralisia cerebral. Consideramos que são, pelo menos, quatro os pontos de convergência entre as duas perspectivas teórico-metodológicas: a) uma influência decisiva do materialismo histórico e dialético na fundamentação dos princípios de ambas as discussões teórico-metodológicas; b) a compreensão de um desenvolvimento integral da pessoa; c) a ideia basilar de que o desenvolvimento é movido pela aprendizagem d) a importância da linguagem e das trocas sociais (as quais Peto irá denominar de contexto) na constituição da pessoa. Sem pretender esgotar as discussões, este texto apresenta-se mais como uma espécie de provocação teórico-metodológica cujo objetivo é mobilizar educadores nos estudos e ações que possam garantir condições de desenvolvimento para as pessoas com paralisia cerebral.

PALAVRAS-CHAVE: Educação condutiva. Perspectiva histórico-cultural. Paralisia cerebral.

ABSTRACT: This article presents the theoretical and methodological foundations of Conductive Education (developed in Hungary by András Peto), aiming to promote a discussion with the theoretical framework of Cultural-Historical Psychology (whose greatest representative is Lev Semionovich Vygotski). This is a theoretical study, based on the study and analysis of the theoretical and methodological principles developed by the two authors around the possibilities of understanding and intervention in people with cerebral palsy. We consider that at least four points of convergence between the two theoretical and methodological perspectives: a) a decisive influence of historical and dialectical materialism in the foundation of the principles of both theoretical and methodological discussions, b) understanding of full development of the person c) the basic idea that development is driven by learning, and d) the importance of language and social exchanges (which Peto will be called context) in the constitution of the person. Without pretending to exhaust the discussions, this text presents itself more as a kind of theoretical and methodological provocation whose goal is to engage educators in the studies and actions that can ensure development conditions for people with cerebral palsy.

KEYWORDS: Conductive Education. Cultural-historical perspective. Cerebral palsy.

¹ Doutor em Educação. Professora da Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisadora CNPq. E-mail: lucmas@uol.com.br

² Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí - SC. E-mail: gmn.correa@gmail.com

Para um começo de conversa

Neste artigo, apresentamos os fundamentos teóricos e metodológicos da Educação Condutiva (desenvolvida, na Hungria, pelo médico e educador András Pető – 1893-1967), com o objetivo de promover uma discussão com os aportes teóricos da Psicologia Histórico-cultural (cujo maior representante é Lev Semionovich Vigotski – 1896-1934). Em publicação recente, Medveczky (2006) afirma que o instituto Pető foi visitado na década de 60 por “muitos cientistas, entre eles Jean Piaget, Alexander Luria, Berta Bobath” (p. 13). Os dados encontrados são poucos e apenas citam que houve um contato entre eles. Mesmo assim, isso nos sugere que o universo da teoria de Pető foi constituído por uma múltipla troca de experiências (acadêmicas e profissionais).

Um artigo publicado por Tatlow (1997) estabelece uma analogia entre a teoria de Vigotski/Luria e a abordagem pedagógica de Pető. A autora afirma que Pető, Luria e Vigotski entendiam o desenvolvimento do ser humano de forma integral, “[...] como pessoas ativas, que precisam ativar simultaneamente o corpo e a mente” (TATLOW, 1997, p. 34). Aproximando essas perspectivas, cita que Pető e Vigotski compreendiam a educação como uma tarefa social, como ocorre na organização dos grupos da prática de Pető. Vigotski, Luria e Pető investiram na ideia de uma motivação, em princípio externa, para a promoção do desenvolvimento. A concepção de Luria sobre a relação entre a ação motora e a linguagem nos parece estar fundamentando a facilitação criada por Pető, chamada de “intenção rítmica”.

A intenção rítmica é elemento central na proposta de Educação Condutiva. Na prática, é a conexão entre fala, música e movimento e uma das mais valiosas ferramentas facilitadoras dessa abordagem pedagógica. A pedagogia condutiva, apoiada nos conhecimentos das neurociências, compreende que a ação motora mediada pela linguagem influencia processos mentais. A fala mobiliza a ação, direcionando o movimento e provocando a intencionalidade por parte da pessoa com alterações motoras.

O destaque para a linguagem, como componente fundamental para o surgimento do desenvolvimento do pensamento humano, é observado na prática da intenção rítmica pela conexão entre fala, ritmo e movimento. Por meio desses e pela intenção, o aluno aprende e isso influencia a organização funcional de sistemas cerebrais, favorecendo novas coordenações. Estabelece-se uma relação mais adequada entre intenção e ação, compreendendo novas formas para resolver um problema de movimento.

Na perspectiva da Educação Condutiva, a ideia de “intenção”, em seu aspecto dinâmico e emocional, pode assumir o significado de motivação, uma intensa mobilização das pessoas para a realização de algo, para a conquista de um objetivo. Hári (1990, p.23) descreve a “intenção” como “uma ação planejada, a projeção de um objetivo, que compreende tanto os princípios da atividade quanto os da consciência”.

A Educação Condutiva e o desenvolvimento integral

O posicionamento da Educação Condutiva está centrado no ser humano, seu objetivo é o desenvolvimento das pessoas com sequelas motoras de lesão cerebral. O fundamento de todo o processo educativo está na conquista da qualidade das relações humanas que deve impulsionar o aprendizado, despertar autoconfiança, motivando as pessoas a viverem a sua individualidade com autonomia.

A ideia básica da Educação Condutiva é que as dificuldades das pessoas com alterações motoras não são questões médicas ou terapêuticas, mas são entendidas como problemas de aprendizagem. Sob esse pressuposto, entendemos a Educação Condutiva como uma abordagem pedagógica, com metodologia específica. Nesse sentido, essa abordagem considera o aluno como um todo integrado, historicamente situado e que está sujeito às influências do seu meio físico e social. Dessa forma, visa não apenas melhorar tarefas motoras e funcionais, mas também o desenvolvimento em sua totalidade, integrando os aspectos emocionais, intelectuais e sociais.

Um programa integrado, segundo Hári (2005), favorece à pessoa a possibilidade de aplicar o que foi aprendido em outra área. As atividades estão interligadas e as pessoas são motivadas a encontrar a melhor forma de solucionar seus problemas do dia a dia, aprendendo e usando o que aprenderam. Pelos aportes teóricos da Educação Conduativa, essa constância de aplicação de forma metodológica e unificada irá atender ao princípio de intensidade e continuidade no aprendizado.

Nessa mesma perspectiva complexa e integrada, também se organizam todos os conteúdos e as atividades do currículo de formação do condutor. O programa de capacitação dos condutores é multidisciplinar e oferece possibilidades para a compreensão da habilidade integrada e organizadora do sistema nervoso, visando oportunizar conteúdo teórico e prático que habilitem os profissionais a lidar com a multidimensionalidade do ser humano.

De acordo com Millan (2001), “a Educação Conduativa é entendida como um caminho indireto para a integração funcional e para a aprendizagem de operações coordenadas, por meio da utilização de áreas cognitivas e perceptuais”. Essa afirmação está respaldada na visão da Educação Conduativa sobre o corpo humano como um sistema complexo, interligado, de processos fisiológicos e psicológicos, em interação com meio em que vive. No caso das pessoas com dificuldades em coordenar e controlar seus movimentos, a fase inicial do processo de aprendizagem é dinamizada pelo condutor. Medveczky (2006) afirma que, pela perspectiva da Educação Conduativa, podemos entender o condutor como aquele que “substitui” temporariamente certos elementos regulatórios do sistema nervoso central, que foram danificados pela lesão. Isso leva-nos a compreender que a forma de atuação do condutor, esclarecendo, ajudando de forma indireta, oferecendo as informações necessárias quanto ao desempenho do movimento, serve como um caminho para formar uma nova coordenação.

A posição da Educação Conduativa é contrária à visão da neurobiologia tradicional que entendia que, após uma lesão, os neurônios centrais não seriam mais produzidos. Hoje essa concepção é superada e a ideia de flexibilidade do cérebro, definida como plasticidade cerebral, é um dos conceitos da neurologia em que a Educação Conduativa se apoia. Assim, propõe que os desafios do meio ambiente e social, por meio das experiências vividas e da estimulação sensorial recebida, podem promover alterações estratégicas cognitivas. Redes neuronais vão se desenvolvendo a cada novo estímulo, experiências, pensamento ou ação, com mais ou menos intensidade ao longo da vida. Técnicas recentes, como a ressonância magnética funcional, que mapeia áreas do cérebro, revelam que ambientes estimuladores oportunizam uma taxa maior de neurogênese e mais conexões entre os neurônios.

Os programas da Educação Conduativa, em seu conjunto, objetivam o desenvolvimento integral por meio da experiência do movimento consciente e ativo. Na prática, esses programas oportunizam, aos alunos, vivenciar diferentes formas de organização do cotidiano, por meio de formas cooperativas e participativas de ação, investindo em aprendizagens significativas. São desenvolvidas atividades, visando ao desenvolvimento social por meio do relacionamento grupal; atividades de autocuidado tais como: higiene, alimentação ou vestuário; estímulos a pequenas ações que oportunizam aprender movimentos funcionais, como trocar de posições, rolar, levantar-se, sentar-se; habilidades para o aprendizado, como observação, atenção, memória, linguagem e também conhecimentos gerais. A pesquisa e os cuidados posteriores, como a inserção no mundo do trabalho, constituem elementos essenciais que caracterizam essa visão integral do ser humano em constante desenvolvimento.

Resumindo, podemos entender que, na concepção teórica e prática da Educação Conduativa, o aprendizado deve ser visto como uma forma de promover o desenvolvimento integral, fortalecendo a motivação e a autoestima, no sentido de mobilizar a pessoa a abordar suas desordens motoras com uma perspectiva de resolução de problemas, uma forma de encarar a vida, aprendendo a seguir adiante. As pessoas aprendem a lidar com suas condições crônicas, buscando estratégias concretas que possam ser aplicadas no cotidiano por meio de suas habilidades que são estimuladas pelo ensino sistemático e o uso contínuo do que foi aprendido.

O aprendizado mobiliza e promove o desenvolvimento

Petö compreendia a paralisia cerebral sob um enfoque da aprendizagem. Tal perspectiva nos mobiliza a estabelecer uma aproximação entre seus postulados sobre a relação entre aprendizado e desenvolvimento que nos parece possível afirmar que existe um paralelo com psicólogos russos. A concepção do ensino, orientado para o devir no desenvolvimento infantil, nos aproxima dos trabalhos desenvolvidos por Vigotski (1998). A perspectiva dos trabalhos de Leontiev (1988), enfatizando a atividade prática, parece-nos aproximada à ideia de participação ativa desenvolvida por Petö e considerada fundamental para a aprendizagem. Hári (apud FORRAI, 1999, p. 157) afirma que

O sistema de educação condutiva que ele estabeleceu exerceu uma influência significativa nas ideias sobre a reabilitação. Ele está extremamente além de sua época nas áreas de integração e da normalização e mostrou a forma para atingir a reabilitação humanista. Ele ampliou os horizontes, considerando mais importante incluir as pessoas na sociedade em vez de segregá-las. Petö foi o primeiro a considerar a deficiência como um problema educacional [...] as reações de seus colegas da época eram misturadas. Alguns se viravam em sua direção outros se afastavam dele – seu trabalho foi assimilado durante seu tempo de vida. [...] ele enfrentou a oposição por meio de sua força moral e sua força de vontade.

Para Petö, é fundamental que os educadores tenham uma compreensão da unidade de cada ser humano, inserido em um contexto e que depende da qualidade das relações sociais para se desenvolver. Dessa compreensão, foi criada uma proposta pedagógica voltada às pessoas com sequelas de paralisia cerebral, pautada em uma mudança de perspectiva mecânica para uma concepção de aprendizagem consciente e ativa.

Nessa perspectiva, o ser humano é, por sua natureza, um ser social e ativo. E é essa natureza social e ativa que possibilita ao homem interagir com o meio e com os seus pares. A interação, ou seja, a ação entre, requer por princípio algum tipo de movimento. É nessa linha de pensamento que gostaríamos de iniciar a discussão sobre os princípios pedagógicos da Educação Condutiva. Consideramos que o movimento é precioso e está presente em todos os momentos da vida do ser humano, desde o seu nascimento. É pelo movimento que o ser humano interage com o meio ambiente, relaciona-se com os outros. O movimento possibilita o autoconhecimento, a compreensão de suas possibilidades e limites. Enfim, a sua forma particular de ser e estar no mundo. Nessa perspectiva, evidencia-se que se movimentar é de grande importância biológica, psicológica, social e cultural. Planejar estratégias de movimento, criar condições para que as pessoas com paralisia cerebral possam se movimentar é fundamental para a Educação Condutiva.

A ênfase na aprendizagem, em oposição ao tratamento, amplia o entendimento sobre a deficiência, ultrapassa uma visão médica e assume um caráter social. As ideias sobre o aprendizado aqui apresentadas não são conceitos unicamente pertencentes à Educação Condutiva. São conceitos da Psicologia e da Pedagogia aplicados sistematicamente ao campo da reabilitação para as pessoas com desordens motoras. Petö sistematizou conceitos de várias ciências, como a Neurologia, a Fisiologia, a Pedagogia, a Psicologia, que considerou significativos para elaborar a base filosófica e pedagógica do sistema condutivo. Como uma pedagogia do movimento, podemos compreendê-la pela afirmação de Sutton (apud GOMBINSKY, 2005, p. 34),

[...] é fundamental para a Educação Condutiva que as desordens motoras possam ser controladas [...] por meio do ensino, por exemplo, por meio de processos educacionais voltados à geração de desenvolvimento mental tanto afetivo como intelectual. Esse princípio a distingue de todas as outras abordagens.

Refletir sobre o movimento humano consciente justifica-se pelo entendimento das estreitas relações entre os processos psicológicos e os processos fisiológicos, tendo como ponto de convergência o indivíduo, em sua totalidade, um ser biopsicossocial. Para isso, consideramos duas ideias fundamentais: a) o corpo humano como um complexo interligado (de processos psicológicos e fisiológicos) e em interação com o meio em que vive; b) a aquisição consciente de conceitos sobre o corpo e a motricidade. As reflexões aqui apresentadas consideram uma análise do desenvolvimento do comportamento motor humano para além das manifestações individuais que possam caracterizar o que uns podem realizar e outros não. Ou seja, pretende-se discutir, em linhas gerais, as possibilidades da espécie humana a partir de seu aparato biológico e da importância das relações estabelecidas com o meio social.

Na história do homem, o desenvolvimento motor é um processo contínuo, sendo que as maiores e mais significativas alterações ocorrem nos primeiros dezoito meses de vida de cada um. O ser humano desenvolve seu domínio de controle corporal caracterizado por seus primeiros momentos de inabilidade, seguindo um processo crescente para a habilidade e finalizando até um declínio, marcado novamente por inabilidades. Colocar assim, de uma forma tão simples, apenas retrata o ciclo vital: o que pode significar ficar pela primeira vez em pé e a diferença do levantar-se ao final da vida. São mudanças que acompanham o desenvolvimento e o comportamento motor, que não representam apenas o surgimento de uma ação, mas também a perda. Para saber trabalhar e enfrentar as limitações impostas por uma paralisia cerebral, é preciso reconhecer que o cérebro se desenvolve e que, pela aprendizagem, pode mudar ao longo da vida.

Queremos enfatizar que o movimento é mais do que a atividade motora. O desenvolvimento motor precisa ser compreendido como o desenvolvimento das habilidades de movimento. Uma criança, em seu desenvolvimento natural, numa conquista gradual de suas habilidades, aprende a manter equilíbrio da cabeça, a engatinhar, a comer, a andar, a falar, a brincar. Isso requer entender o comportamento motor como uma expressão de integração de todos os domínios: motor, afetivo, social e cognitivo. Esse caráter do movimento é que caracteriza a importância do domínio motor no processo de desenvolvimento integral do ser humano.

Cabe ressaltar a importância dos sistemas ósseo e muscular para que o movimento ocorra, mas deve ser considerado, também, que o movimento é resultado de muitos outros sistemas. Todo o corpo humano é um sistema complexo, constituído por inúmeros sistemas e subsistemas tais como: o nervoso central, o motor, os sensoriais e tantos mais, que também se interligam em diferentes formas de comunicação. Damásio (2005, p. 47) descreve que “o sistema nervoso central está ‘neuronalmente’ ligado a praticamente todos os recantos e recessos do resto do corpo por nervos, que no seu conjunto constituem o sistema nervoso periférico. Os nervos transportam impulsos do cérebro para o corpo e do corpo para o cérebro”.

Pela estimulação de uma ou mais de nossas percepções, os neurônios excitados desencadeiam impulsos que se propagam, como que em potenciais de ação. As redes neuronais vão se desenvolvendo a cada novo estímulo, experiências, pensamento ou ação, com mais ou menos intensidade, ao longo da vida. Essa compreensão de que quando aprendemos, nossas conexões cerebrais se modificam, subsidiam a prática da Educação Conduvida. Os processos de aprendizagem alteram a nossa rede neuronal, isso significa que aprendemos fazendo. Como afirma Damásio (2005, p. 116).

Reside aqui o centro da neurobiologia tal como a concebo: o processo por meio do qual as representações neuronais, que são modificações biológicas criadas por aprendizagem num circuito de neurônios, se transformam em imagens em nossas mentes; os processos que permitem que modificações microestruturais invisíveis nos circuitos de neurônios (em corpos celulares, dendritos e axônios e sinapses) se tornem uma representação neuronal, a qual por sua vez se transforma numa imagem que cada um de nós experiencia como sua.

As redes neuronais são desenvolvidas graças à multiplicidade de estímulos que o cérebro

recebe em constante interação com o meio exterior. Para o seu desenvolvimento, o cérebro demanda daquilo que a pessoa pode experimentar e aprender. É preciso alimentar o cérebro de informações visuais, táteis, auditivas etc. como forma de desenvolvimento e aprendizagem. Com a mesma intensidade com que corpo e cérebro interagem, o ser que eles formam se relaciona com o meio ambiente em que vive. A apreensão dos estímulos exteriores pelo ser humano é mediada por seus movimentos e por seus aparelhos sensoriais, dessa forma inferimos que as imagens mentais são desenvolvidas a partir dos sentidos e dos movimentos.

Além dos cinco sentidos bem nossos conhecidos e que revelam o mundo sensível para nós, Sacks (2004) afirma que outros sentidos são importantes nessa reflexão. O autor se refere à propriocepção que governa a nossa orientação corporal. Historicamente, em sua descoberta, foi denominado “sentido dos músculos” e, na atualidade, o entendimento do sentido proprioceptivo ainda guarda muitos segredos, mas é conceituado por Sacks (2004, p. 88) como “complexos mecanismos e controles pelos quais nosso corpo se mantém adequadamente alinhado e equilibrado no espaço”.

Os acontecimentos mais marcantes da vida estão relacionados com o movimento: a aquisição da marcha, da fala, a conquista da autonomia para os desafios da vida diária. Ao deixar o colo materno, a criança inicia seu processo de independência, explorando o ambiente, experimentando, aprendendo a fazer escolhas, a resolver problemas e a tomar decisões. O seu desenvolvimento vai depender, como afirma LeBoulche, de “como tudo que se relaciona ao crescimento, o desenvolvimento psicomotor ocorre impulsionado pelo estímulo duplo da maturação biológica inerente ao processo de crescimento e da estimulação social que a criança recebe” (LeBOULCHE, 1983, apud: COLL; PALLACIOS; MARCHESI, 1993, p. 41).

Compreendemos que a ideia de desenvolvimento humano não pode ser desvinculada das noções de aprendizagem. Dessa forma, desenvolver no sentido cognitivo e orgânico significa estabelecer uma relação de aprendizagem, de interação, de comunicação intensa entre organismo e ambiente. Ressaltar a importância e o significado particular da aprendizagem para o desenvolvimento do movimento consciente tem como objetivo, neste texto, confirmar a necessidade de criar estratégias de mobilidade para as pessoas com sequelas de paralisia cerebral, ou seja, oferecer a oportunidade de experimentar movimentos como possibilidade de elaboração conceitual. Aprender requer conhecimentos prévios e esse é um princípio de aprendizagem reconhecido pela Educação Conduativa.

Uma proposta pedagógica

A Educação Conduativa é uma abordagem pedagógica que pretende oferecer atendimento especializado às pessoas com alterações e dificuldades motoras, compreende a deficiência motora além da lesão ocorrida no sistema nervoso central, como a falta de uma integração funcional. O desenvolvimento integral da pessoa e sua funcionalidade é um de seus focos de atenção. Esse sistema pedagógico não trata uma função específica, mas o desenvolvimento das possibilidades de funções coordenadas. Fundamenta sua prática no princípio de que crianças e adultos podem aprender a realizar atividades, desde que sejam orientados a querer fazer. Objetiva motivar a pessoa a mover-se, oferecendo atividades que promovam o desenvolvimento de uma intencionalidade própria. Assim, o ensino deve estar voltado a despertar em cada um a determinação para aprender. A essa determinação Petö denominou de o desenvolvimento de uma “personalidade ortofuncional”, ou seja, uma pessoa com autoconfiança e motivação para aprender com dedicação e esforço, dessa forma encontrar respostas criativas para as necessidades da vida cotidiana.

Nessa perspectiva, a Educação Conduativa organiza o processo de aprendizagem por meio de programas diários que se desenvolvem por meio das “tarefas em séries”. As tarefas em séries são como ações motoras coordenadas, visando a possibilitar a integração funcional e alcançar objetivos reais, entendendo, dessa forma, que cada programa em seu conjunto é orientado para a resolução de problemas, oportunizando a aprendizagem pela experiência e explorando as áreas cognitivas e perceptuais. Evidencia-se, desse modo, uma estreita relação entre aprendizagem e movimento com

o objetivo de estimulação funcional: ao aprender, as conexões cerebrais podem se modificar.

Petö enxergou as dificuldades de movimento, insegurança ou confusão, que podem ser características resultantes da paralisia cerebral, como uma falta de habilidade para aprender, o que contrariava alguns de seus contemporâneos. Até aquele momento não se considerava que as pessoas com sequelas de paralisia cerebral fossem susceptíveis a aprender. Petö trabalhou todos os sintomas de forma unificada, sempre investindo na multidimensionalidade do ser humano, aperfeiçoou seu sistema, demonstrando sua visão irrestrita sobre as possibilidades humanas para se desenvolver e aprender.

É possível sugerir que o sistema educativo de Petö, com sua proposta teórico-metodológica, revela suas características particulares: de uma participação consciente e ativa, de organização disciplinada, de trabalhos grupais enriquecidos com o contato entre as pessoas, enfim, uma pedagogia do movimento que estabelece seu processo de aprendizagem mais por meio de ações do que por respostas passivas.

A Educação Condutiva, compreendida como uma pedagogia do movimento, baseia-se no fato de que o cérebro, mesmo lesionado, pode ser continuamente modelado pela experiência sensorial e motora, dessa forma não cessa de aprender. É importante salientar que o termo “aprender” necessita ser compreendido num contexto de ação no qual o objeto do conhecimento tenha sentido em relação a seu objetivo, pois o processo de ação será organizado pelo sistema nervoso de uma pessoa somente se ela compreender o significado para a ação.

Essa é uma das características desse modelo educacional que entende que a realização de um movimento por uma pessoa com dificuldades motoras, perceptivas ou sensoriais, necessita de uma preparação, ou seja, de um movimento planejado. Portanto, uma atividade sugerida ou estimulada é uma ação com uma meta designada, com objetivos próximos e acessíveis que oportunizem atividades mentais, corporais e sociais. Assim, a experiência do movimento será tão mais consciente quanto mais clara estiver para a pessoa a meta final a ser alcançada.

Na perspectiva da Educação Condutiva, essa ação planejada, que precede o movimento, é chamada de “intenção”. Para formar a intenção, a pessoa necessita de ajuda externa, nesse caso, a ajuda do condutor, que é o profissional especializado, cuja mediação é fundamental para a internalização dos processos. Por exemplo, um aluno, ao ter como objetivo aprender a colocar seu boné, se sentirá motivado a flexionar e estender o seu braço, mesmo que várias vezes, para compreender o que está realizando a fim de atingir o seu objetivo, superando a simples execução do exercício motor de forma passiva, envolvendo-se em seu processo de recuperação pela compreensão dos padrões de movimento.

O condutor ensina como compreender a ação antes do movimento, sendo que cada ação é organizada por meio de uma série de tarefas que ajudam em sua execução final. Ele também orienta qual o ritmo necessário para atender cada aluno e suas características individuais. Os alunos com um diagnóstico de paralisia espástica³ seguem um ritmo diferente dos hipotônicos⁴ ou mesmos dos distônicos⁵. Atento a isso, Petö elaborou uma forma de intervenção que chamou de “intenção rítmica” da qual iremos tratar mais adiante.

Apresentando essa abordagem como uma pedagogia do movimento consciente e ativo, sinalizamos outra característica da prática da Educação Condutiva: o uso estruturado do ritmo e da fala em seus programas. A intenção verbal ou facilitação oral – termo também encontrado – é considerada, pelos precursores de Petö, o elemento fundamental para desenvolver a aprendizagem consciente nas pessoas com paralisia cerebral. Isso favorece os alunos compreenderem, de forma prática, qual atividade a realizar e como podem realizá-la. É uma forma de dar significados aos movimentos por meio de objetivos e da compreensão desses objetivos. Como parte de um amplo processo pedagógico, há uma aproximação do desempenho motor com o mental, de forma cognitiva, não mecânica, mediado pela linguagem.

³ A paralisia espástica pode ser caracterizada pelo aumento do tônus muscular, isto é, quando os músculos apresentam rigidez.

⁴ Hipotônicos: caracterizam-se pelo tônus muscular relaxado (flacidez).

⁵ Distônicos: apresentam mudança intermitente entre os movimentos.

Sobre as relações entre aprendizagem, desenvolvimento e possíveis limitações cognitivas que possam ser identificadas nas crianças com sequelas de paralisia cerebral, ainda não há uma clareza. O que se apresenta como uma deficiência cognitiva pode ser decorrente da lesão ou da dificuldade da criança em dar respostas ou, ainda, a forma como seus interlocutores interpretam essas respostas. A respeito dessas questões, Medveczky (2006) considera que, se houver um comprometimento do desenvolvimento mental, esse pode limitar o desenvolvimento motor, via aprendizagem, mas salienta que esse processo acontece em variados graus, comprometendo mais ou menos o processo de desenvolvimento, possibilitando mais ou menos independência. A autora acrescenta

“para influenciar as questões acima, um caminho preventivo é possível com um plano adequado por meio do desenvolvimento de um programa condutivo, que providencia sessões organizadas para crianças em grupo e com a presença das mães. A intervenção precoce em grupos torna possível a troca variada de informações e estimulações do meio ambiente” (MEDVECZKY, 2006, p. 25).

Essa é a compreensão na perspectiva da Educação Condutiva: organizar programas com atividades de aprendizagens, visando estimular e aumentar as condições de aprendizagem e desenvolvimento. O condutor, avaliando as condições mentais e o nível de cooperação do aluno, é o responsável pela organização desses programas que inclui o planejamento de atividades individuais que são desenvolvidas em sessões de grupos condutivos.

Acompanhando a prática no dia a dia do sistema de Petö, pudemos observar como o trabalho dinâmico em grupo, orientado por profissionais, que têm como objetivo o máximo desenvolvimento pela participação ativa, oferece motivação constante para a pessoa. Para a Educação Condutiva, uma atividade ou tarefa é uma ação com uma meta definida, clara, o que a diferencia do simples fazer, pois envolve a pessoa e a ajuda a compreender o que aquela tarefa representa para ultrapassar as dificuldades da vida cotidiana. Ou seja, na perspectiva da Educação Condutiva, cada “série de tarefas” deve ser planejada para possibilitar, a cada pessoa, uma maior consciência de si, de seus movimentos e de suas possibilidades motoras e intelectuais. Petö ia além, associava a educação com toda a vida prática dos seus alunos. Valorizava as qualidades e conquistas pessoais, incentivando crianças e adultos a se tornarem ajudantes uns dos outros.

A “atividade no lugar da passividade” é um lema que está constantemente nos trabalhos com os alunos. Busca-se ultrapassar a experiência passiva na realização de um movimento por meio de exigências reais da vida. Um condutor pode ajudar o aluno a lavar as mãos, mas oferece a toalha para que ele realize os movimentos e sinta que está secando as mãos, sozinho. Uma atividade oferecida requer que o aluno estabeleça um objetivo que esteja, naquele momento, ao seu alcance. Para a realização das atividades que atendam a esse objetivo, ele pode receber uma ajuda do condutor, como forma de facilitação e que será diminuída aos poucos. Compreender o que tem a realizar e sentir-se apoiado e confiante para isso são formas de motivação que se apresentam como estratégias positivas de aprendizagem consciente e ativa. Um novo gesto executado e aprendido pode transformar-se em um novo comportamento.

Diante dos possíveis limites que se impõem às pessoas com sequelas de paralisia cerebral, a Educação Condutiva adquire importância vital, pois permite à pessoa estar em um espaço que estimula vivenciar e explorar o seu ambiente, fazendo contato com vários objetos, tendo a oportunidade de estabelecer relações afetivas, sentindo-se acolhida e segura para manifestar suas emoções. Trata-se de uma proposta alternativa de atendimento educacional especializado que pode fazer toda a diferença no crescimento e desenvolvimento da pessoa. É pelo movimento possível, sozinho ou com ajuda, que a pessoa com paralisia cerebral explora e toma conhecimento de seu corpo, desenvolvendo sua consciência corporal, experimentando o que acontece consigo, entendendo o que é o seu corpo, suas possibilidades e desafios. Mesmo que isso não signifique a realização do movimento “tecnicamente correto”, pela experiência do movimento poderá ver o mundo por outra perspectiva: eu posso aprender. Eu sou capaz!

Aprendizagem ortofuncional e a aproximação com a perspectiva histórico-cultural de desenvolvimento humano

O desenvolvimento motor humano constitui-se parte do desenvolvimento integral do ser humano desde a vida intrauterina. A motricidade passa por diversas e complexas transformações, podendo atingir uma sofisticação considerável em termos de capacidade adaptativa e, sobretudo, de desenvolvimento. Referimo-nos à motricidade como as capacidades do ser humano de produzir movimentos em todas as suas diversas formas de expressão motora. Em um processo de desenvolvimento normal, a expressão motora, ou o comportamento motor, sofrem um processo evolutivo. Com o passar do tempo e com a qualidade das interações oportunizadas, o aparato motor modifica-se, tornando o organismo cada vez mais apto à realização de movimentos, gradativamente mais complexos, apresentando formas essenciais de movimentos e habilidades para o desempenho de tarefas do cotidiano.

A constituição neurológica da pessoa impõe condições sobre o seu desempenho; da mesma forma, o ambiente externo, com suas motivações ou frustrações, interfere em suas ações. As pessoas com déficit orgânico, como é o caso das portadoras de paralisia cerebral, não conseguem preencher alguns requisitos que deveriam ser apropriados às suas idades, seguindo a sequência natural do desenvolvimento humano. De forma alguma compactuamos com a ideia de uma naturalização do desenvolvimento. Referimo-nos, aqui, aos processos considerados pertinentes à idade cronológica e “habilidades” já desenvolvidas.

Hári (1988, p.1) escreve que “[...] por definição teleológica, a educação condutiva é um sistema de educação cujo propósito central é o restabelecimento ‘ortofuncional’ das formas de desorganização nas funções humanas, em particular, nas pessoas com disfunções motoras”. A reflexão sobre restabelecimento ortofuncional sugere a distinção entre o conceito de ortofunção e disfunção. No Dicionário Médico Andrei (MANUILLA, 1997), encontramos o prefixo “orto” (de origem grega), na palavra ortofuncional, que expressa a ideia de correto, indicando em geral uma normalidade; já a palavra “disfunção” pode ser compreendida como “toda perturbação do funcionamento de um órgão”.

Alcançar a máxima independência, considerando o desenvolvimento integral das pessoas, e dessa forma promover um restabelecimento ortofuncional de forma ativa, é objetivo da Educação Condutiva, que orienta as pessoas para uma proposta de aprendizagem consciente e ativa. Na prática, objetiva integrar a pessoa aos grupos e à sociedade, buscando superar a deficiência existente, tornando-a, pelo esforço e trabalho, em ortofunção.

Nesse enfoque de personalidade ortofuncional, é importante lembrar que a Educação Condutiva propõe um novo olhar para a deficiência, especialmente quando dá ênfase à aprendizagem em oposição à terapia. Referimo-nos, dessa forma, à pessoa não como doente, que necessita de tratamento, mas como a pessoa que poderá realizar as mais diferentes ações, desde que encontre um ambiente propício para desenvolver suas capacidades/habilidades. A personalidade ortofuncional é desenvolvida pela “intenção”⁶ e aprendida pela “facilitação condutiva”⁷. Esses conceitos, no contexto da Educação Condutiva, configuram-se como ferramentas pedagógicas que auxiliam as pessoas no que diz respeito a lidar com seus problemas de aprendizagem. Devem ser entendidos e praticados, portanto, como processos que incluem participação e criatividade na solução de um problema. Não se trata, simplesmente, de uma ajuda, um apoio, mas de uma forma de mostrar para a pessoa como ela pode se ajudar. O fim é a conquista de uma pessoa ativa e propositiva pelo incentivo a dar respostas criativas ao se expressar e ao agir em um mundo real.

O meio no qual a criança se desenvolve requer, já nos seus primeiros anos de vida, uma série de habilidades. Podemos analisar essa questão a partir das características gerais do ser humano, de adaptação ou de aprendizado: as condições e as respostas variam largamente atendendo às

⁶ Intenção é um conceito que sugere a vontade da pessoa em envolver-se de forma participativa em seu processo de aprendizagem.

⁷ Facilitação condutiva pode ser compreendida como todas as ajudas oferecidas para oportunizar desenvolvimento.

condições biológicas, históricas e até locais. Para abordarmos a questão do desenvolvimento ortofuncional, é preciso compreender o papel que o contexto/ meio/ cultura desempenha sobre o ser humano. Trata-se de um processo interdependente, no qual as funções biológicas/motoras se transformam.

Essas considerações nos aproximam do conjunto das ideias de Vigotski e das apresentadas por Pino (2005) sobre o estudo de desenvolvimento cultural da criança. De acordo com Pino (2005, p. 31), “[...] de um lado as funções biológicas transformam-se sob a ação das culturais e, de outro, estas têm naquelas o suporte de que precisam para constituir-se, o que as torna, em parte, condicionadas pelo amadurecimento biológico daquelas”. Isso nos revela a importância da inserção da criança nas práticas sociais que favorecerão a emergência das funções culturais pela mediação do outro.

Uma pessoa ortofuncional pode ser caracterizada pela capacidade que possui para desempenhar tarefas que são características de sua faixa etária, ou por um alto nível de capacidade para variar as formas de atingir seus objetivos. Conforme cada fase, é solicitado a uma criança vários níveis de aquisições que possam atender às necessidades biológicas, psicológicas, sociais como, por exemplo: sugar, engatinhar, andar, falar, dentre tantas outras tarefas que revelam as possibilidades de desenvolvimento humano.

Para a Educação Conduativa, é importante reconhecer que as lesões cerebrais, mesmo as mais graves, geralmente deixam uma capacidade residual considerável no cérebro e, dessa forma os requisitos para as atividades da vida cotidiana podem ser satisfeitos quando forem estimulados de forma adequada e intensificados com a continuidade. Vale, ainda, considerar a disfunção como as dificuldades que as pessoas podem enfrentar para atender às variadas demandas físicas, psicológicas, sociais do seu dia a dia; dessa forma pode ser compreendida pelo não uso dessa capacidade residual, pela não exploração dessa possibilidade, que pode estar lá para ser estimulada.

Em sua dimensão pedagógica, a Educação Conduativa fundamenta suas práticas no conceito da neurologia, da plasticidade cerebral e, daí, a compreensão de que o cérebro, mesmo lesionado, possui capacidade de estabelecer novas conexões, desde que seja constantemente desafiado a alcançar o objetivo. Petô considerou a aprendizagem como o caminho para o desenvolvimento ou a reabilitação dessas possibilidades, resgatando as etapas do desenvolvimento humano que não foram suficientemente exploradas.

Medveczky (2006) afirma que, pela perspectiva da Educação Conduativa, no atendimento às pessoas com sequelas de paralisia cerebral, a fase inicial do processo de aprendizagem do movimento é dinamizada pelo condutor. Podemos entender o condutor como aquele que “substitui” temporariamente certos elementos regulatórios do sistema nervoso central, que foram danificados pela lesão. Na prática, a forma de atuação do condutor, esclarecendo o que a criança precisa realizar, ajudando de forma indireta, oferecendo as informações necessárias quanto ao desempenho do movimento, serve como um caminho para formar uma nova coordenação.

Quando a Educação Conduativa direciona sua prática para a aprendizagem, e essa, como promotora do desenvolvimento, ela entende o ser humano em sua totalidade, trabalha com as possibilidades para a aprendizagem e o desempenho de tarefas que requerem habilidades sociais ou motoras, de locomoção, manipulação e estabilização, que ainda não haviam sido estimuladas. As qualidades humanas específicas surgem quando nos esforçamos para compreender, para nos comunicar, para atuarmos. Isso exige a participação de todos, em um processo de aprendizagem, cujo eixo de discussão seja a singularidade daquele que aprende, inserido no contexto do qual faz parte.

O ser humano leva um tempo considerável para aprender a resolver problemas e se tornar hábil respondendo às demandas rotineiras de seu cotidiano. Nessa direção, é possível sugerir que a aquisição de novas habilidades está diretamente relacionada não apenas à faixa etária da criança, mas também às interações vividas com outros seres humanos do seu grupo social. Vigotski (1997, p. 214) afirma, em sua lei geral do desenvolvimento humano, que o desenvolvimento de qualquer pessoa está articulado com sua constituição orgânica, mas esse se funde na vida social por meio de suas experiências compartilhadas. Dessa forma, a diferença essencial entre um ortofuncional e um

disfuncional pode ser considerada não tanto por suas conquistas, mas pela qualidade das relações que estabelecem e pela forma diferente como aprendem.

Pelos princípios da Educação Condutiva vale considerar que uma pessoa ortofuncional é caracterizada pela capacidade geral de adaptação ou de aprendizado, que lhe permite durante a vida ajustar-se, mais e mais, compreensivelmente ao seu ambiente social e natural. De modo similar, a Educação Condutiva considera que uma pessoa com uma deficiência pode ser estimulada a atingir metas, a praticar algumas atividades e, a seu tempo, tornar-se hábil para enfrentar e resolver seus problemas diários. Isso não sugere estabelecer comparações entre as pessoas que apresentam sequelas motoras e aquelas que não apresentam. O que se pretende é a compreensão do processo individual, do modo peculiar que cada pessoa com sequelas motoras encontra para realizar suas atividades.

Ao aproximar-nos da perspectiva histórico-cultural, sinalizamos a tese de Vigotski, quando descreve, na defectologia, que uma deficiência pode impulsionar estímulos à elaboração de processos de compensação, favorecendo o desenvolvimento e a formação da personalidade. Nessa perspectiva, o autor assume, como fato central e básico e objeto de pesquisa, as reações da pessoa, seus processos compensatórios considerados como substitutivos ou niveladores do desenvolvimento e da conduta dela. Vigotski (1997, p. 15) reafirma isso, citando as teorias de Stern, que justificam o processo compensatório, pela flexibilidade das funções adaptativas e “graças à unidade orgânica da personalidade, em que outra função assume sua realização”. Com as contribuições de Vigotski, pode-se pensar em um desenvolvimento voltado à superação da lesão, constituído por um processo criador e enriquecido pelas interações sociais que possibilitem autonomia e espaço de atuação social.

Percebe-se que a Educação Condutiva, investindo no aprendizado para a conquista da ortofuncionalidade, entende que os desafios enfrentados pela pessoa com deficiência, mediados por experiências compartilhadas elevadas e motivadoras, podem tornar o conflito em força motivadora para vencer as dificuldades. Pelo processo de aprendizagem, os desafios, entendidos e assumidos como objetivos a serem alcançados, podem criar uma compensação, como argumenta Vigotski (1997, p. 103).

*O defeito*⁸ se converte, de tal modo, em ponto de partida e principal força motriz de desenvolvimento psíquico da personalidade. Se a luta termina com a vitória do organismo, esse não só vence as dificuldades criadas pelo defeito, mas também se eleva, em seu desenvolvimento, a um nível superior, transformando a deficiência em talento, o defeito em capacidade, a debilidade em força, a insuficiência em valor.

Ainda refletindo sobre o pensamento de Vigotski, compreendemos que, por um lado, uma deficiência pode limitar o desenvolvimento, mas, por outro, pode haver um processo compensatório, que oportunizará novos caminhos de reorganização das funções, possibilitando desenvolvimento. Essas novas oportunidades, por meio do processo de compensação, não ocorrem naturalmente, mas necessitam de uma estimulação por meio do exercício de observação, avaliação e reflexão das diferenças, segundo Stern (STERN, apud VIGOTSKI, 1997, p. 14). Vigotski cita ainda a tese de T.Lipps, reforçando a ideia de que “[...] a energia se concentra num ponto onde o processo encontrou um obstáculo e procura caminhos para superá-lo. Assim, no lugar onde o processo se vê truncado em seu desenvolvimento, se formam novos processos que surgem graças a esse impedimento.” (LIPPS, apud VIGOTSKI, 1997, p.15)

Vigotski afirma que essas novas formações, que surgem como compensações no processo de desenvolvimento, “representam em sua unidade a reação da personalidade à deficiência”. A compensação seria uma reação da personalidade à deficiência, gerando novos processos indiretos de desenvolvimento.

Todavia, é importante sinalizar que seria um equívoco supor que todo processo de compensação finaliza com êxito. Os novos caminhos de desenvolvimento estão estreitamente ligados com o grau de deficiência e a riqueza das experiências compensatórias. O olhar do outro,

⁸ Nas citações, optamos por utilizar os termos em conformidade com os escritos do autor.

as experiências positivas compartilhadas é que poderão promover mudanças significativas. Dessa forma, caracteriza-se o processo de desenvolvimento como

“[...] um processo (orgânico e psicológico) de criação e recriação da personalidade da criança, sobre a base da reorganização de todas as funções de adaptação, da formação de novos processos sobre-estruturados, substitutivos, niveladores, que são gerados por uma deficiência e da abertura de novos caminhos de desenvolvimento” (VIGOTSKI, 1997, p. 16).

Toda a argumentação que fundamenta a Educação Conduativa se justifica a partir da premissa de que a capacidade para compreender e reconstruir requer uma aprendizagem consciente e ativa, discordando do ato de copiar e da realização mecânica dos movimentos em uma ação. Essa aprendizagem é desencadeada pela motivação e pelo desejo de realizar atitudes indispensáveis para o encorajamento de colocar em prática tudo o que aprendem no dia a dia. O uso sistemático daquilo que é aprendido vai se estabelecendo como padrões de ações, construídos no curso dos movimentos. O progresso dessas ações poderá ser organizado pelo sistema nervoso da pessoa, que vai se desenvolvendo e adquirindo cada vez mais autonomia.

O fundamental é isto: uma nova atitude. Um novo olhar para os seus desafios pode aumentar a capacidade de autorrealização por meio mais da intenção do que do desempenho. A Educação Conduativa, tendo como objetivo central o desenvolvimento de uma personalidade ortofuncional, não pode ser confundida como um meio apenas de ensinar a andar, por exemplo. É, antes, uma abordagem pedagógica que se ocupa do desenvolvimento das pessoas com sequelas de paralisia cerebral, procurando uma nova qualidade de intenção que visam alcançar melhores níveis de coordenação.

Hári (1988) conceitua a “intenção” como representações cognitivas internas, como um processo interno direcionado ao objetivo que se quer alcançar. Nas atividades diárias, a intenção consciente representa a força, a possibilidade de a pessoa estabelecer objetivos (intenções), mantê-los, monitorar o seu progresso em relação a eles, resistir às falhas e a superar obstáculos para adquirir a ortofunção.

Em consonância com essas explicações, a Educação Conduativa considera em sua prática a correlação entre a experiência e a percepção. A prática conduativa atribui aos fatores cognitivos, como também aos relacionados à percepção, aos elementos essenciais ao aprendizado e à habilidade de formar a intenção. Se uma pessoa não possui a representação interna da intenção, pois está realizando a atividade pela primeira vez, corre o risco de interpretar mal o seu desempenho. Por exemplo, uma pessoa hemipléica, que não sente o movimento precisamente, ao tentar segurar um lápis, pode exercer pressão exagerada, largando o lápis espontaneamente pela pressão. Isso poderá apresentar dificuldades em monitorar a sua *performance* precisamente. Hári esclarece com essa afirmação:

[...] quando a pessoa não o faz, ou não pode atingir seu alvo pretendido, é nosso ponto de vista que suas dificuldades, no desempenho e coordenação, são atribuíveis a uma estratégia voluntária inadequada. Portanto, é baseando-se nesse aspecto que o valor maior está no processo educativo, para depois o desempenho. O planejamento por parte do professor começa ao identificar o resultado desejado, no qual esse havia trabalhado anteriormente, por meio da investigação de relações complexas, achando combinações apropriadas de atividades e conexões entre elas, utilizando ritmo e melodia, tudo com o objetivo de estabelecer alvos que o aluno possa adquirir conscientemente. (HÁRI, 1997, p. 4).

Dessa forma, o processo de aprendizagem é realizado pela via da exploração e das descobertas acompanhadas. O condutor apresenta estratégias variadas, rotas alternativas, contextos diferentes para auxiliar na conquista dos resultados. A utilização de diferentes interações deve aproximar a experiência e as percepções para chegar à aprendizagem significativa por meio de operações concretas, experiências ativas e positivas. A informação processada agora adquire um novo significado por meio das ações intencionais de sucesso, com a contribuição da condução. Engenhosamente, Petö, com esses conhecimentos, criou a “intenção rítmica” como instrumento que aproxima a linguagem para regular o movimento, como descreveremos mais adiante.

Sutton (apud GOMBINSKY, 2005, p. 37) descreveu a ortofunção como “um espiral benigno de autorreforço da motivação, aprendizado e conquista”. O restabelecimento ortofuncional, segundo Hári (1988, p. 2), é a capacidade da pessoa de trabalhar para alcançar um objetivo, mostrando interesse e envolvendo-se de modo produtivo. Com relação ao termo ortofunção, Hári (1998, p. 102) esclarece

Não se alude meramente ao (res) estabelecimento da função motora em si; numa medida maior, ressalta-se a capacidade do ser humano de iniciar um processo de aprendizagem que vai durar toda a vida, de realizar tarefas que lhe são propostas, tendo um papel ativo na configuração de seu próprio desenvolvimento, adaptando-se, na medida do possível, às exigências do seu entorno.

Trabalhando sob essa ótica, as pessoas envolvidas no processo – condutor e alunos – são motivados a compreender o aprendizado como um processo ao longo da vida, que exige esforço e dedicação para a conquista de autonomia na solução dos desafios do cotidiano. Desenvolver uma personalidade ortofuncional é possibilitar a participação, construir espaços de vida social, encaminhar para o trabalho, para o exercício da cidadania, dar a todos o *status* de dignidade humana.

Algumas considerações

As considerações sobre as bases filosóficas e pedagógicas da Educação Conduativa que temos tratado neste estudo nos possibilitam uma compreensão sobre o princípio que distingue essa abordagem de outras formas de atendimento, é o princípio da aprendizagem. Essa compreensão nos orienta no sentido de que as desordens motoras que afetam as pessoas com sequelas de paralisia cerebral podem ser controladas por meio da integração de processos educacionais e reabilitacionais, voltados ao desenvolvimento do sujeito integral. Dessa forma, o aprendizado pode modificar a forma como se percebe e como se pode lidar com a disfunção motora. Nesse sentido, destacamos alguns indicadores apontados por Gombinsky (2005):

- a aprendizagem constitui-se em um processo complexo que depende da qualidade das trocas interpessoais. Nesse sentido, pretende-se que o envolvimento do aluno nas atividades aconteça de forma consciente e participativa;

- o desenvolvimento de funções cognitivas superiores é promovido pelo aprendizado e esse, mediado (a motivação, a intenção, a emoção e a linguagem são orientadas, em um primeiro momento, pelo condutor);

- a base do aprendizado é o sujeito com suas características pessoais, seus interesses, suas emoções, inserido em um contexto sócio-histórico;

- expectativas positivas geram motivação e influenciam o aprendizado. Quando os alunos percebem que as pessoas oferecem oportunidade de aprendizagem e demonstram acreditar nisso, eles sentem-se encorajados e confiantes a fazer;

- o aprendizado acontece ao longo da vida e todos podem aprender. As aprendizagens são alcançadas via processo de resolução de problemas, aprendendo a estabelecer objetivos e trabalhando para alcançá-los. Isso aproxima a Educação Conduativa do processo de “aprendendo a aprender”, pois quanto mais aprendem mais possibilidades influenciam o desenvolvimento e a aprendizagem.

Enfim, consideramos que os materiais aos quais tivemos acesso permitiram uma visão mais ampla e integral da Educação Conduativa, possibilitando desdobramentos prático-pedagógicos, inclusive no município de Itajaí, onde sete crianças portadoras de paralisia cerebral veem sendo atendidas.

REFERÊNCIAS

- COLL, C; PALLACIOS, J; MARCHESI, A. *Desenvolvimento psicológico e educação – Psicologia da Educação*. V.2. Artes Médicas. Porto Alegre, 1993.
- DAMASIO, A. *O erro de Descartes – emoção, razão, e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FINK, A. *Práctica de la estimulación conductiva según A. Petö*. Barcelona: Herder, 1998.
- FORRAI, J. *Memoirs of the beginnings of conductive pedagogy and Andrés Petö*. Birmingham: Foundation Conductive Education, 1999.
- GOMBINSKI, Lisa. Adaptation and development in conductive education: responding to new demands, maintaining the essence of the practice. In: MAGUIRE, G.; NEANTON, R. *Looking back and looking forward*. Birmingham: Foundation Conductive Education, 2005.
- HÁRI, M.; ÁKOS, K. *Conductive Education*. London: Routledge, 1988.
- HÁRI, M. *Orthofunction – a conceptual analysis*. In: Taylor, M; Horváth, J. ed. *Conductive Education: Occasional Papers no. 2*. Londres: Stoke on Trent, Trentham Books. 1997.
- HÁRI, M. *The history of conductive pedagogy*. International Petö Institute. Budapest. 2005.
- HÁRI, M. *The human principle in Conductive Education*. International Petö Institute. Budapest. 1988.
- LEONTIEV, Alexis N., Vygotsky, L. S.; Luria, A. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo: Ícone/ Edusp, 1988.
- MANUILLA, L.; MANUILLA, A.; NICOLIN, M. *Dicionário Médico Andrei*. São Paulo: Organização Andrei Editora Ltda, 1997.
- MEDVECZKY, E. *Conductive Education: as an educational method of neurorehabilitation*. Budapest: GreyTech, 2006.
- MILLAN, M. La Educación Conductiva: una propuesta integral de desarrollo para la/ el niña/o con parálisis cerebral. *Memorias do primer coloquio de discapacidad educación y cultura*. México 3-5 diciembre 2001. Digitado.
- PINO, Angel. *As Marcas do Humano*. São Paulo, Cortez, 2005.
- SUTTON, A. Educação Condutiva como exemplar do paradigma emergente da inclusão dinâmica, com novas ênfases para a pesquisa educacional. In: *Conferência européia sobre pesquisa educacional*, Ijubljana, Slovênia, 17-20 setembro 1998.
- SUTTON, A. *Conductive education: a complex question for Psychology*. Birmingham, 1991. Digitado.
- SACKS, Oliver. *O Homem que Confundi a sua Mulher com um Chapéu*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- TATLOW, A. Analogias entre a teoria de Vigotski/Luria e a abordagem de Petö. In: *Congresso Internacional de Jerusalém*, 1997. Digitado.
- VIGOTSKI, L. S. *Obras escogidas: Fundamentos da Defectologia*. Madrid, Visor, 1997.
- VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Recebido em abril de 2013.
Aprovado em junho de 2013.